

ELIANE BRUM, a história de um percurso.

#### RESUMO:

A palestra Menina Quebrada: a história de um percurso, de Eliane Brum, trouxe sua visão sobre o jornalismo e sua atuação como repórter e autora. Ao evocar histórias que registrou como repórter, enfatizou seu compromisso com os “Desacontecimentos”, forma como define as vidas comuns, despercebidas no cotidiano. Destacou que o texto, jornalístico ou ficcional, pode suscitar questões universais e, ao mesmo tempo, dar voz àqueles que não a têm, uma vez que se nasce e morre na narrativa.

#### ARTIGO:

Segundo Eliane Brum, o jornalista, como um historiador do presente, um documentador do cotidiano, é alguém que faz escolhas – que nunca são isentas. Em nossa época, essas escolhas influenciam os fatos que serão lembrados e aqueles que serão esquecidos. Daí a escolha pelos “Desacontecimentos”: a gente nasce e morre na narrativa, afirma, e se a vida de alguém não é importante, sua morte também não será.

Desde suas primeiras reportagens, a mulher de olhar doce, jeito tímido e palavras fortespersegue, com o olhar e a escuta, a história daqueles que compõem a maioria da população e que, no entanto, passam despercebidos. São os tais “Desacontecimentos”, as vidas que aparentemente se repetem e que, por isso, parecem não ter importância. Mas só aparentemente, ou apenas segundo a visão dos olhares “domesticados” que já não percebem o quanto em cada vida há algo de extraordinário.

Ouvir e narrar as histórias dessas pessoas tornou-se sua principal meta, desde os tempos em que trabalhou no Jornal “Zero Hora”, passando pelos seus documentários, livros e artigos publicados em sua coluna de opinião. Para a noite fria do dia 14 de agosto, Eliane Brum escolheu contar algumas histórias que ouviu e registrou ao longo da sua trajetória como repórter. Narrativas em que os protagonistas são os personagens da vida que ninguém vê: um artista de rua que se intitulava um comedor de vidros; um “cavaleiro” que participava de exposições agropecuárias montado em um cabo de vassoura e uma merendeira aposentada em câncer de fase terminal.

Sobre o artista de rua que ganhava a vida comendo vidro, destacou o desencanto: as pessoas pareciam não mais se espantar com sua arte. Decepcionado, deixava no ar a pergunta: que mundo era esse em que o ato de comer vidros não interessava mais a ninguém? O que o artista de rua descobria, naquele momento, segundo Eliane Brum, era uma dor bem mais profunda do que a do dente quebrado em sua última apresentação: a dor da invisibilidade, drama que o tornava universal, porque é, enfim, o drama de cada um de nós.

Conhecemos também o Vanderlei, peão que vivia em Uruguaiiana e era tachado como “louco” pelos fazendeiros, porque, nas ocasiões em que ocorria o maior evento agropecuário da região, aparecia montado em um cabo de vassoura, dizendo que aquele era o seu cavalo. Durante todo o evento, era motivo de piada dos visitantes. Comia e dormia nas cocheiras e galopava entre os *stands* da feira. A repórter se dirigiu então a ele e fez a pergunta que ninguém ousara fazer: se ele era louco. No entanto, para a surpresa da ouvinte, o homem respondeu: \_ Você acha que eu não sei

que o meu cavalo é apenas um cabo de vassoura? Nunca vou poder comprar um cavalo de verdade, assim, pelo menos, sou feliz.

Ao mencionar a história do gaúcho e seu cavalo de pau, Eliane Brum conclui: ele subverte o lugar que a ele foi designado, reinventa sua vida, recria o seu significado e o seu lugar no mundo. Mas se ele não é louco, o que ele é? A pergunta feita a cada um de nós nos faz pensar sobre nossos próprios “cavalos imaginários”. Entretemo-nos com cavalos de pau enquanto buscamos um cavalo de verdade que, talvez, nunca conquistaremos, porque não sabemos ao certo o que ele é...

A terceira história, assim como todas as outras, mas talvez ainda mais do que todas elas, é uma história de escuta. Narra os últimos 115 dias de vida de uma pessoa. Uma merendeira escolar aposentada que, quando pôde enfim aproveitar o seu tempo, descobriu que esse tempo estava se esgotando, rapidamente. Eliane, nesse caso, exercitou ainda mais a arte da escuta, das palavras, dos silêncios, dos gestos e até de como os objetos conversam entre si nos dias em que esteve na casa dessa mulher, ouvindo suas impressões sobre a vida que se esvaía.

A mulher pobre, na faixa etária dos sessenta anos e que trabalhou grande parte da sua vida alimentando crianças pobres, acreditava que se comesse bem, melhoraria. O problema é que, por mais que se esforçasse, não conseguia mais se alimentar. E isso a fazia se sentir culpada... Quando se sentia um pouco melhor, achava que estava curada e perguntava à repórter se ela concordava, mas Eliane, ciente do seu lugar de escutadeira, no canto, tudo observando e registrando, nada respondia.

Uma única vez a repórter resolveu deixar, por um instante, o seu lugar: decidiu acompanhar Ilce – esse era o nome dela – até uma consulta e fez com que tirasse todas as suas dúvidas. Não foram apenas as dúvidas que foram retiradas: as últimas esperanças de Ilce também. Naquele dia, ela tropeçou, e depois, disse: \_ Vou comer, engordar e fazer essa cirurgia, quem sabe? Pouco tempo depois, Ilce morreu.

A experiência foi impactante na vida e no trabalho da repórter. Como poderia continuar a contar tais histórias? Sempre acreditou que, em seu trabalho como repórter, vivenciava dois momentos muito intensos. O primeiro consistia em atravessar a rua de si mesmo em direção ao caminho do outro; depois, empreender o caminho de voltar e ocupar o lugar da escuta para poder contar essa história. No entanto, após a experiência da reportagem sobre os últimos dias de Ilce, esse movimento se mostrou muito difícil. Então percebeu que há certas realidades que só a ficção suporta, só uma segunda voz poderia dar conta de narrar certas histórias. E assim nasceu seu primeiro livro de ficção: Uma Duas.

A experiência trouxe uma descoberta importante: se a reportagem é um despir-se de si para se vestir do outro, a ficção é se deixar possuir pelos outros de si, que vivem nos abismos mais profundos do eu. Segundo Eliane, o mais aterrorizante é ser possuído por si mesmo e é isso que a experiência de escrever ficção representa. Para a autora, escrever ficção é como ser transportado às profundezas de si mesmo.

Enquanto trabalhou nesse projeto, foi como se estivesse vivendo a ficção e encenado a vida real. Ao término do livro, entregou-se a um novo projeto: acompanharia os médicos da Organização Sem Fronteiras como uma das repórteres que escreveria sobre o trabalho deles ao redor do mundo. Quando se deu conta, estava em um pequeno povoado na Bolívia, localidade em que 70 % da população falava a língua quetchua (de origem indígena) e que concentrava a maior incidência da doença de chagas no mundo: 70% das pessoas estavam contagiadas. Uma doença, segundo Eliane, que afeta principalmente os pobres e que, por isso, não atrai o interesse das

indústrias farmacêuticas: o remédio mais atual para combatê-la data da década de 1960 e apresenta alta toxicidade.

Além da extrema miséria em que viviam os moradores daquela localidade, em suas casas de pau a pique com telhas de palha e que à noite eram invadidas por enxames do inseto barbeiro, o que mais lhe chamou a atenção foi o semblante de uma menina de 11 anos: Sônia, a única em sua família que não tinha a doença. A criança tinha os olhos de velha, segundo Eliane Brum. O olhar de alguém que já não via nenhuma alegria ou esperança na vida, pois convivia cotidianamente com a possibilidade da morte real de seus entes queridos e da sua própria morte.

O olhar de Sônia continuou a incomodar Eliane, mesmo após o término da reportagem. Contar sua história era a única coisa que poderia fazer por ela, mesmo sabendo que isso não seria o suficiente. Contar uma história é muito e pouco ao mesmo tempo, mas é o possível, concluiu a autora. Contá-la talvez ajude impedir que mais crianças tenham olhos de velha.

Ao final da palestra, contou sobre o episódio que originou o título do livro lançado durante o evento: a menina quebrada. Tal expressão surgiu do espanto de sua sobrinha que, ao se deparar com outra criança usando gesso, vivenciou um misto de horror e surpresa: a menina estava quebrada! Naquele momento, ela pode ter descoberto algo muito especial: as pessoas quebram, de muitas formas. Às vezes dá para consertar, às vezes, não. Viver, segundo as palavras de Eliane Brum, é rearranjar nossos cacos.

E escrever? Acompanhando a trajetória de Eliane, podemos concluir que, para a autora, escrever é descobrir os outros que vivem dentro de nós, e o que de cada um de nós habita nos outros. O universal no singular e a singularidade de cada vida, que não se esgota na narrativa, mas que vive, também, através dela.

AUTOR:

Andréa Maria Carneiro Lobo. Professora de Introdução à Filosofia do Curso de Direito das Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil.